SIGNWRITING E A ESCRITA DE SINAIS DA LIBRAS: EXPLORANDO LINGUAGENS, LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Matheus Souza de Santana [1]
Moana Oliveira Pereira de Santana [2]

INTRODUÇÃO

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é uma língua natural de modalidade visual-espacial dotada de estrutura gramatical própria organizada nos níveis fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático (Quadros; Karnopp, 2004; Lima et al., 2019, p. 297). Por ser articulada no espaço e percebida pela visão, suas especificidades linguísticas demandam formas de registro que respeitem sua natureza visuoespacial. No entanto, em uma sociedade grafocêntrica regida por relações ideológicas de poder mediadas pela escrita (Pécora; Osakabe, 2009 apud Benassi; Duarte, 2014, p. 93), a ausência de um registro gráfico próprio da língua de sinais historicamente impôs barreiras ao acesso dos sujeitos surdos e aprendizes ao letramento e à autonomia comunicativa.

Historicamente, a ausência de notações acessíveis nas salas de aula levou o sistema educacional a priorizar a escrita em Língua Portuguesa como segunda língua (L2), conforme Benassi e Duarte (2014) esse processo gera o que denominam de lacuna na aprendizagem, pois "enquanto o surdo sinaliza e se comunica visualmente, a aquisição da escrita passa pela segunda língua" Benassi e Duarte (2014, p. 92).

Nesse cenário, insere-se a discussão sobre a escrita de sinais e a possibilidade de registro gráfico direto da Libras. O SignWriting (SW), sistema criado por Valerie Sutton em 1974, destaca-se por grafar a configuração de mão, o ponto de articulação, o movimento, a orientação da palma e as expressões não manuais (Sutton, 2009, p. 2; Novaes; Novaes; Moura, 2018, p. 788). O sistema possibilita a leitura e a escrita diretas da língua sinalizada, sem passar pela tradução para a língua oral.

A contextualização entre escrita de sinais, alfabetização, letramento e práticas educativas torna-se premente. A predominância da escrita em Língua Portuguesa reduz

[1] Doutorando em Educação Científica e Formação de Professores da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, tecomatheus@hotmail.com
[2] Graduanda do Curso de Letras-Libras da Universidade Estaudal do Oeste do Paraná - UNIOESTE, prof.moanna@gmail.com

as experiências linguísticas e limita a autonomia expressiva dos alunos. A motivação para este estudo decorre de reflexões no âmbito da disciplina Escritas de Sinais I (EADC201), ofertada no curso de Licenciatura em Letras-Libras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), no ano de 2026. A partir da vivência em situações de aprendência (SIA1, SIA2 e SIA3) sobre a leitura, a compreensão e a transcrição gráfica da escrita de sinais, emergiu a necessidade de explorar como a elaboração de atividades pedagógicas didáticas pode ampliar o leque de linguagens no contexto escolar.

Diante desse contexto, o estudo orienta-se pela seguinte questão norteadora: Como a utilização do SignWriting em atividades pedagógicas pode contribuir para os processos de leitura, escrita, letramento e apropriação das múltiplas linguagens no contexto educacional? Para responder a este questionamento, estabeleceu-se como objetivo geral: analisar a produção e a utilização de atividades pedagógicas com SignWriting, considerando suas contribuições para os processos de alfabetização, letramento e exploração das múltiplas linguagens no contexto educacional.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Libras e a escrita das línguas de sinais: fundamentos linguísticos do SignWriting

A Libras constitui-se a partir de sua modalidade visual-espacial e de seus parâmetros linguísticos fundamentais: configuração de mão (CM), ponto de articulação (PA), movimento (M), orientação da palma (OP) e expressões não manuais (ENM) (Quadros; Karnopp, 2004; Novaes; Novaes; Moura, 2018, p. 786).

Historicamente, a busca por registrar as línguas de sinais motivou o surgimento de diferentes propostas. Como ressaltam Aguiar e Chaibue (2015, p. 3), o professor francês Roch Ambroise Auguste Bébian, em 1825, publicou a *Mimographie*, sendo "o primeiro a demonstrar que as señas de los sordos podem ser escritas a partir de un análise de suas formas" (Oviedo, 2009 apud Aguiar; Chaibue, 2015, p. 3). O sistema de Bébian contava com 190 símbolos gráficos icônicos organizados linearmente (Aguiar; Chaibue, 2015, p. 5).

Posteriormente, William Stokoe (1960/1965) revoluciona a área ao comprovar a composicionalidade da *American Sign Language* (ASL), propondo um sistema de notação baseado em 3 parâmetros centrais (localização, configuração de mão e

movimento) e sinais diacríticos (Aguiar; Chaibue, 2015, p. 11-12). Derivaram-se de Stokoe a Notação de François Neve (1996), voltada ao ordenamento computacional em colunas (Aguiar; Chaibue, 2015, p. 13), e o *Hamburg Sign Language Notation System* (HamNoSys), criado em 1987 por Hanke e colaboradores como um sistema de transcrição fonética internacional (Aguiar; Chaibue, 2015, p. 14). No Brasil, Mariângela Estelita Barros (2008) desenvolveu a ELiS (Escrita das Línguas de Sinais), sistema alfabético e linear grafado da esquerda para a direita baseado na representação de visografemas (Aguiar; Chaibue, 2015, p. 21).

Entretanto, o sistema *SignWriting* (SW), criado em 1974 por Valerie Sutton a partir da notação de dança (*DanceWriting*), tornou-se o mais difundido no Brasil e no mundo (Sutton, 2009, p. 2; Forcadell; Frasson; Forcadell, 2016, p. 198). Introduzido no Brasil em 1996 pelo professor Antônio Carlos da Rocha Costa na PUCRS e impulsionado pelas pesquisas de Stumpf (2005; 2008), o SW organiza os grafemas em arranjos esquemáticos bidimensionais que refletem a simultaneidade e a tridimensionalidade dos sinais (Aguiar; Chaibue, 2015, p. 18; Lima et al., 2019, p. 300).

Diferente da escrita alfabética da Língua Portuguesa — que é linear e codifica fonemas auditivos —, o SW utiliza grafemas visuais organizados preferencialmente em colunas verticais, adotando a perspectiva do emissor (Sutton, 2009, p. 3; Benassi; Duarte, 2014, p. 96). Como detalham Benassi e Duarte (2014, p. 96), “as configurações de mão da língua de sinais são escritas de dois planos: o plano parede, vertical, sendo a visão que o próprio sinalizador tem de suas mãos, e o plano do chão, horizontal”.

2.2 SignWriting, alfabetização e letramento: relações entre leitura, escrita e construção de sentidos

A discussão teórica exige diferenciar alfabetização e letramento no âmbito da escrita de sinais. A alfabetização diz respeito ao domínio técnico de codificação e decodificação dos símbolos gráficos que representam a modalidade linguística. Em Libras, alfabetizar em SW significa promover o domínio das bases gráficas das configurações de mãos (quadrado para mão fechada, círculo para mão circular e pentágono/retângulo para mão aberta) (Sutton, 2009, p. 9-10; Benassi; Duarte, 2014, p. 97), além dos diacríticos de contato, orientação e movimento.

É imprescindível salientar um cuidado conceitual: o *SignWriting* não utiliza letras do alfabeto latino. Portanto, o termo alfabetização refere-se à aprendizagem de um sistema gráfico de base viso-gramada e não à alfabetização alfabética fonocêntrica da Língua Portuguesa.

O letramento, por sua vez, constitui a prática social da escrita, englobando a interpretação, a autoria e a circulação de textos significativos em contextos reais. Conforme pontuam Novaes, Novaes e Moura (2018, p. 795), a ausência de um sistema visual direto submete a pessoa surda a uma ruptura cognitiva:

A substituição da escrita a partir de uma língua oral-auditiva por uma escrita que dialogue diretamente com a Língua de Sinais, equaciona o fenômeno da descontinuidade e coloca as crianças surdas em igualdade na utilização de recursos linguísticos, favorecendo o processo de aprendizagem da leitura e escrita (Novaes; Novaes; Moura, 2018, p. 796). Benassi e Duarte (2014, p. 92) reforçam a relevância desse processo ao analisarem a lacuna no ensino tradicional:

> No momento da aprendizagem, adquiri a escrita da sua língua materna, enquanto o surdo sinaliza e se comunica visualmente, mas a aquisição da escrita passa pela segunda língua, gerando uma lacuna em seu aprendizado que dificilmente será preenchida.

O SW favorece a consciência metalinguística e a autonomia na produção autoral, permitindo que o estudante reflita sobre a sintaxe espacial da Libras sem depender da tradução palavra por palavra. A escrita de sinais não pretende substituir a Língua Portuguesa; ao contrário, a apropriação dos conceitos estruturais da Libras escrita fornece uma base conceitual para o aprendizado do português como segunda língua na modalidade escrita (Stumpf, 2005; Novaes; Novaes; Moura, 2018, p. 797).

2.3 Múltiplas linguagens e práticas pedagógicas: corpo, visualidade e produção de sentidos

A linguagem no ambiente educativo estende-se para além do código oral e alfabético, abrangendo a dimensão corporal, gestual e visuoespacial inerente à Libras. O corpo, as expressões faciais e o movimento não são meros acompanhamentos ilustrativos, mas constitutivos da produção de sentidos (Quadros; Karnopp, 2004; Novaes; Novaes; Moura, 2018, p. 794). O *SignWriting* atua como o elo entre a sinalização tridimensional no espaço e sua fixação gráfica bidimensional.

No âmbito da multimodalidade e dos multiletramentos, as práticas pedagógicas beneficiam-se da integração entre diagramas, sequências visuais, esquemas e jogos educativos. Contudo, é fundamental não reduzir as múltiplas linguagens ao uso figurativo de imagens decorativas. A multimodalidade autêntica reconhece que a construção de significados decorre da integração dinâmica entre os modos visual, corporal, espacial e gráfico. Ao trabalhar com materiais articulados em SW, o docente valoriza as experiências linguísticas dos aprendizes, expandindo suas capacidades de leitura, interpretação e expressão gráfica (Lima et al., 2019, p. 301; Barros, 2022, p. 293).

3. METODOLOGIA

3.1 Abordagem e caracterização da pesquisa

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de natureza aplicada e de cunho exploratório-descritivo (Prodanov; Freitas, 2013 apud Barros, 2022, p. 294). O estudo contextualiza-se na experiência vivenciada na disciplina Escritas de Sinais I (EADC201), integrante da matriz curricular do curso de Licenciatura em Letras-Libras (modalidade a distância) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), realizada em 2026. A proposta do artigo emergiu após a realização de situações de aprendência (SIA1: leitura e compreensão teórica; SIA2: introdução e uso de softwares como o *SignPuddle*; SIA3: revisão e transcrição de parâmetros).

Os participantes caracterizam-se como alunos ouvintes aprendizes de Libras como Segunda Língua (L2), matriculados no ensino superior, com níveis heterogêneos de proficiência na língua sinalizada e com pouca ou nenhuma experiência prévia com o sistema *SignWriting*. A caracterização precisa dos sujeitos como aprendizes de L2 é determinante para a interpretação dos resultados, visto que a falta de fluência sinalizada prévia demanda mediação metalinguística constante na decodificação dos grafemas e na percepção da sintaxe espacial.

3.2 Elaboração e desenvolvimento das atividades

Para ir além das tarefas introdutórias de cópia e revisão (SIA 1, 2 e 3), foram desenvolvidas e propostas quatro novas atividades didático-pedagógicas fundamentadas na literatura especializada em ensino de *SignWriting* (Barros, 2022; Lima et al., 2019; Forcadell; Frasson; Forcadell, 2016). As atividades articulam instrução direta, exploração guiada e práticas colaborativas:

1 - Leitura e Interpretação por Mapeamento Conceitual (Mapa Mental em SW): Inspirada na proposta de Ensino Baseado em Tarefas (EBT) de Barros (2022, p. 297), a atividade disponibiliza um texto adaptado em *SignWriting* sobre a divisão geopolítica e regional do Brasil. Os estudantes realizam a leitura das colunas em SW, identificam os conceitos principais e constroem um mapa mental diagramático, convertendo a estrutura textual em ramificações conceituais visuais.

2 - Atividade "Quebra-Mão" e Classificação de Parâmetros: Baseada em Lima et al. (2019, p. 303), a atividade apresenta um quadro no qual os alunos devem agrupar sinais escritos ao redor de uma Configuração de Mão (CM) base centralizada (representada pelas formas esquemáticas do quadrado, círculo ou pentágono). A tarefa exige a discriminação precisa de plano (parede/chão) e orientação da palma (branca, preta ou dividida).

3 - Jogo "Caça-Palavras e Categorização Gramatical": Desenvolvido a partir de Lima et al. (2019, p. 304), consiste em uma grade contendo itens lexicais em *SignWriting*. Os estudantes devem localizar os sinais e categorizá-los segundo classes gramaticais (substantivos, verbos ou adjetivos) ou por domínios semânticos, promovendo a leitura rápida e a análise morfossintática.

4 - Tarefa de Circulação Social (Leitura de Placas de Trânsito): Fundamentada nos estudos de Lima et al. (2019, p. 301), simula um contexto prático no qual o aprendiz conduz um recurso figurativo por um itinerário contendo placas orientadoras grafadas em SW. O aluno deve interpretar a instrução gráfica (ex: *parar*, *seguir em frente*, *virar à esquerda*) e executar a ação correspondente no espaço.

3.3 Instrumentos e procedimentos de produção dos dados

A produção de dados fundamentou-se nos seguintes instrumentos: **Observação participante:** Acompanhamento dos momentos de resolução individual e colaborativa das tarefas; **Registros das produções dos estudantes:** Coleta das folhas de atividades preenchidas, esquemas gráficos, mapas conceituais e grafias manuais e digitais produzidas pelos alunos; **Análise dos materiais elaborados:** Exame minucioso da precisão dos grafemas produzidos (manualmente e via *SignPuddle*); **Registros de feedback (Pós-Tarefa):** Aplicação de questionários de autoavaliação e relatos subjetivos dos participantes sobre as facilidades e os entraves encontrados.

3.4 Procedimentos de análise

Os dados foram examinados por meio da análise de conteúdo qualitativa. Os critérios de interpretação basearam-se na capacidade de leitura e decodificação dos grafemas, na precisão da escrita dos parâmetros (distinção entre plano parede e plano chão, uso de setas simples e duplas de movimento, preenchimento de palmas e dorsos), no reconhecimento da semanticidade morfossintática e na autonomia demonstrada pelos aprendizes ouvintes durante as tarefas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Elaboração e exploração das atividades com SignWriting

A aplicação das atividades pedagógicas revelou como a escrita de sinais pode transformar-se em uma ferramenta dinâmica de aprendizagem. Na atividade de "Mapa Mental", os estudantes enfrentaram o desafio de ler um texto contínuo disposto em colunas verticais e extrair suas ideias centrais (Barros, 2022, p. 297). A conversão do texto gráfico em um diagrama conceitual exigiu a discriminação dos parâmetros e a apreensão global da sintaxe espacial da Libras.

Na atividade "Quebra-Mão", a atenção dos aprendizes voltou-se para a estrutura fonológica interna dos sinais. Ao agrupar itens lexicais em torno das configurações de mão fundamentais — representadas esquematicamente pelo quadrado (mão fechada), pelo círculo (mão circular) e pelo pentágono/retângulo (mão aberta) (Sutton, 2009, p. 9-10; Benassi; Duarte, 2014, p. 97) —, os alunos puderam visualizar as variações de orientação e ponto de articulação. A Tabela 1 esquematiza as convenções de representação gráfica das mãos e planos trabalhados durante as sessões.

Tabela 1: Convenções Gráficas do SignWriting para Configurações e Planos

Elemento Gráfico	Base Esquemática / Sinalização	Representação no *SignWriting*	Referência Fonte
Mão Fechada	Ponta dos dedos toca a palma (ex: S, A)	Quadrado (□\square□)	Sutton (2009, p. 9)
Mão Circular	Pontas dos dedos se tocam (ex: O, C)	Círculo (◯\bigcirc◯)	Sutton (2009, p. 9)
Mão Aberta	Dedos estendidos (ex: 5, B)	Pentágono / Retângulo (Δ/□\Delta/\squareΔ/□)	Sutton (2009, p. 10)
Palma Visível	Vista frontal (Plano Parede)	Grafema Vazado / Branco	Benassi e Duarte (2014, p. 97)
Dorso Visível	Vista posterior (Plano Parede)	Grafema Preenchido / Preto	Benassi e Duarte (2014, p. 97)
Mão de Lado	Vista lateral (Plano Parede)	Grafema Meio Preto / Meio Branco	Benassi e Duarte (2014, p. 97)
Plano Chão	Paralelo ao solo (Vista de cima)	Grafema com corte na articulação	Sutton (2009, p. 12)

Fonte: Elaborado pelos autores (2026) a partir de Sutton (2009) e Benassi e Duarte (2014).

Por fim, o “Caça-Palavras” e a “Leitura de Placas” demonstraram a aplicabilidade do sistema em tarefas de leitura rápida e categorização gramatical (substantivos, verbos e adjetivos), comprovando que o SW não se limita à cópia mecânica, mas constitui um instrumento de uso funcional da linguagem escrita (Lima et al., 2019, p. 304).

4.2 Leitura, escrita e interpretação de sinais: experiências de aprendizagem

Durante as atividades de leitura, os estudantes ouvintes (aprendizes de Libras L2) apresentaram avanços e dificuldades específicas. A principal barreira identificada esteve associada à interpretação da tridimensionalidade registrada no plano bidimensional do papel, especialmente no que tange aos planos de execução e às setas direcionais de movimento. Como explicitam Benassi e Duarte (2014, p. 99-100) e Forcadell, Frasson e Forcadell (2016, p. 208), as convenções de movimento exigem rigorosa discriminação visual:

I) Setas de Haste Dupla (⇑,⇓): Representam movimentos retilíneos realizados no “Plano Parede” (vertical, paralelo ao peito, para cima/baixo) (Benassi; Duarte, 2014, p. 99);

II) Setas de Haste Simples (↑,↓): Representam movimentos realizados no “Plano Chão” (horizontal, paralelo ao solo, para frente/trás) (Benassi; Duarte, 2014, p. 100);

III) Distinção de Lateralidade: A cabeça da seta preenchida (preta) indica movimento executado pela mão direita; a cabeça da seta vazada (branca) indica movimento executado pela mão esquerda; a cabeça aberta indica movimentos sobrepostos ou simultâneos das duas mãos (Sutton, 2009, p. 33-34; Forcadell; Frasson; Forcadell, 2016, p. 208);

IV) Contatos: O toque suave é grafado por asterisco (*); o bater por cardinal (#); o escovar por círculo com ponto central (⊙); o esfregar por espiral (@); o agarrar por sinal de adição (+); e o contato entre os dedos por |*| (Benassi; Duarte, 2014, p. 98-99; Sutton, 2009, p. 23-26).

Ao realizarem os exercícios, os aprendizes demonstraram evolução gradual. Erros iniciais — como confundir um movimento para frente (haste simples) com um movimento para cima (haste dupla) — foram corrigidos por meio da análise guiada dos elementos componentes do grafema. O feedback dos alunos indicou que a assimilação da

perspectiva do emissor ("escrever como se estivesse olhando para as próprias mãos") foi a chave para o ganho de fluência na leitura.

4.3 SignWriting e múltiplas linguagens: interação, autonomia e construção de sentidos

Os resultados demonstraram que o uso do *SignWriting* favorece a articulação entre o corpo, o gesto e a representação gráfica. Ao ler um sinal grafado em SW, o aprendiz de L2 realiza mentalmente e corporalmente o movimento indicado pelos grafemas, estabelecendo uma ponte direta entre a percepção espacial da Libras e sua notação gráfica.

A análise dos dados dialoga diretamente com as reflexões dos autores do acervo. Conforme pontua Stumpf (2005), o *SignWriting* proporciona uma escrita visualmente fonética, permitindo registrar o pensamento na própria língua de sinais. Ao discutir o impacto pedagógico do sistema, Barros (2022, p. 301) enfatiza que o ensino baseado em tarefas transforma a escrita de sinais em ferramenta comunicativa real, superando a memorização descontextualizada de regras.

Novaes, Novaes e Moura (2018, p. 795) destacam que o SW resolve a descontinuidade comunicativa enfrentada na educação tradicional, promovendo a igualdade na utilização de recursos linguísticos. Da mesma forma, as produções analisadas por Lima et al. (2019, p. 305) e Forcadell, Frasson e Forcadell (2016, p. 210) comprovam que a introdução de jogos e dinâmicas pedagógicas articuladas em SW estimula o letramento multimodal, garantindo a estudantes surdos e ouvintes a oportunidade de explorar a dimensão visuoespacial, construir sentidos e desenvolver a autonomia intelectual na leitura e na produção textual em Libras.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou analisar a produção e a utilização de atividades pedagógicas com o *SignWriting*, investigando como esse sistema contribui para os processos de alfabetização, letramento e apropriação das múltiplas linguagens. Em resposta à questão norteadora, constatou-se que a inserção do *SignWriting* em práticas pedagógicas estruturadas por tarefas e jogos visuais proporciona aos estudantes uma ponte direta entre a modalidade visuoespacial da Libras e o registro escrito.

A experiência revelou que o aprendizado da escrita de sinais estimula a consciência metalinguística dos alunos ouvintes aprendizes de L2 e oferece aos sujeitos

surdos a possibilidade de registrar sua língua materna sem a dependência exclusiva da estrutura sintática da Língua Portuguesa. As atividades didáticas (mapas mentais, caça-palavras, quebra-mão e tarefas de circulação social) evidenciaram que a produção de sentidos se beneficia da multimodalidade, integrando corpo, espaço e representação gráfica.

Como limites da experiência, destacam-se a carga horária restrita da disciplina e a heterogeneidade no nível de proficiência em Libras dos alunos ouvintes, o que exige tempo adicional para a consolidação da leitura fluente de grafemas complexos. Recomenda-se a continuidade das pesquisas com a ampliação de materiais didáticos multimodais em SW e a realização de estudos longitudinais que acompanhem a aplicação do *SignWriting* na Educação Básica e na formação continuada de professores de Libras.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Thiago Cardoso; CHAIBUE, Karime. Histórico das escritas de línguas de sinais. **Revista Virtual de Cultura Surda**, Petrópolis, n. 15, p. 1-28, mar. 2015.

BARROS, Mariângela Estelita. **ELIS: Escrita das Línguas de Sinais**: proposta teórica e verificação prática. 2008. 199 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

BARROS, Ricardo Oliveira. Ensino de escrita de sinais baseado em tarefas. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 61, n. 1, p. 290-302, jan./abr. 2022.

BENASSI, Claudio Alves; DUARTE, Anderson Simão. Além dos sentidos I: ensaio a respeito da escrita de sinais. **Revista Diálogos: linguagens em movimento**, Cuiabá, v. 2, n. 1, p. 92-101, 2014.

FORCADELL, Murilo Sbrissia Pitarch; FRASSON, Antonio Carlos; FORCADELL, Elizete Pinto Cruz Sbrissia Pitarch. SignWriting: práticas de aprendizagem da escrita da língua de sinais. **Ideação: Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde**, Foz do Iguaçu, v. 18, n. 1, p. 195-212, 1º sem. 2016.

HANKE, Thomas. **HamNoSys: Hamburg Notation System for Sign Languages**. Hamburgo: Universidade de Hamburgo, 2004.

LIMA, Israel Queiroz de; SOUZA JUNIOR, João Renato de; SOUSA, Alexandre Melo de; SILVA, Rosane Garcia. Materiais de ensino para surdos: produções de atividades com escrita de sinais (SignWriting). **Revista A Cor das Letras**, Feira de Santana, v. 20, n. 2, p. 295-306, out./dez. 2019.

NOVAES, Edmarcius Carvalho; NOVAES, Edmara Carvalho; MOURA, Jessica Rocha de. SignWriting: a proposta de leitura para alunos surdos pela transcrição da Língua Brasileira de Sinais. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 43, n. 3, p. 754-800, set./dez. 2018.

OVIEDO, Alejandro. Vuelta a un hito histórico de la lingüística de las lenguas de señas: La mimographie de Bébian en el sistema de transcripción de Stokoe. **Lenguaje**, Cali, v. 37, n. 2, p. 293-313, 2009.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

STUMPF, Marianne Rossi. **Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema SignWriting: línguas de sinais no papel e no computador**. 2005. 330 f. Tese (Doutorado em Informática na Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

STUMPF, Marianne Rossi. **Escrita de Sinais I**. Florianópolis: UFSC, 2008. (Texto base do Curso de Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância).

SUTTON, Valerie. **As línguas gestuais são línguas escritas! Manual 1: Noções básicas sobre SignWriting**. Tradução de Rafaela Cota Silva. La Jolla: The SignWriting Press, 2009. 42 p.